

Espírito rixoso: a face obscura de *Memórias de um sargento de milícias*

Emmanuel Santiago

OTSUKA, Edu Teruki. *Era no tempo do rei: atualidade de Memórias de um sargento de milícias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2016.

Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida, é uma das obras mais singulares do romantismo brasileiro e, desde que Antonio Candido lhe dedicou o ensaio “Dialética da malandragem”,¹ ocupa uma posição de destaque em nossos estudos literários. Tangenciando tanto a ortodoxia marxista quanto o imanentismo estruturalista, o ensaio lançou as bases para uma análise da forma literária como elaboração estética dos nexos estruturantes da realidade social, convertidos em princípio que, intrínseco à obra, empresta coerência a seus elementos estilísticos e ficcionais. Edu Teruki Otsuka, em *Era no tempo do rei: atualidade de Memórias de um sargento de milícias*, insere-se na tradição iniciada com o ensaio de Candido. Porém, se dá continuidade à sua ideia de forma literária, não se restringe a ratificar as conclusões do mestre, ultrapassando as limitações da perspectiva deste e aprofundando a compreensão de *Memórias...* como romance que configura esteticamente a experiência de certo segmento da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, apontando para circunstâncias gerais do regime patriarcal-escravista.

Em “Dialética da malandragem”, Candido propõe *Memórias...* como *romance representativo*, no qual a experiência social dos estratos médios da população carioca, nos estertores do período colonial, é convertida em princípio estruturante da obra. Em seu romance, Manuel Antônio de Almeida estabelece um recorte restrito, excluindo escravos e membros da elite (com algumas exceções), e focaliza as classes intermediárias, formadas basicamente por *homens livres pobres*. Somos remetidos, então, à *Formação do Brasil*

1. CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. In: *O discurso e a cidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, pp. 17-46.

*contemporâneo*² de Caio Prado Júnior: numa sociedade em que o eixo da economia girava em torno da classe dos proprietários e da mão de obra escrava, os indivíduos que não pertenciam a esses grupos não encontravam lugar definido, o que resultava numa situação de instabilidade. Por consequência, os representantes de tal segmento, que incluía a maior parte da população, dependiam, para sua subsistência, de ocupações profissionais provisórias, da proteção dos mais abastados e até de expedientes ilícitos. Segundo Candido, essa instabilidade levaria o homem livre pobre a um deslocamento contínuo entre o polo da ordem (da lei, do trabalho, da família e do casamento, enfim, do socialmente legítimo) e o da desordem (do crime, da vadiagem, do adultério e dos arranjos conjugais improvisados etc.), constituindo um estilo de vida *malandro*, que Manuel Antônio de Almeida teria transformado em princípio determinante da ação das personagens e, consequentemente, do enredo. Entretanto, num salto interpretativo – como observa Roberto Schwarz –, Candido extrapola os resultados de sua análise, promovendo a dialética entre a ordem e a desordem, de experiência relacionada a uma classe específica, a modo de ser do brasileiro, sob perspectiva otimista, segundo a qual nós, como povo, em nossa relação flexível com os valores instituídos, estaríamos mais preparados para viver num mundo livre da normatividade da civilização burguesa.³

Já Edu Teruki Otsuka se empenha em mostrar o lado obscuro da matéria social da qual derivam os fundamentos formais de *Memórias de um sargento de milícias*. Em vez de se fixar no caráter humorístico das personagens, imersas num universo sem culpa impermeável a juízos morais, o crítico identifica, no *espírito rixoso*, o motor da dinâmica narrativa. Quando observamos os eventos que compõem a trama de *Memórias...*, constatamos uma sucessão de desavenças entre as personagens, desencadeadas por rivalidades e desejos de vingança. Aí estaria a lógica por trás da estrutura episódica da obra, que se afasta da concentração dramática do romance burguês, em que a ação gira em torno da trajetória do protagonista (embora, ainda que de maneira incipiente, tal concentração se esboce na segunda parte de *Memórias...*, quando acompanhamos mais detidamente a história de Leonardinho).

O espírito rixoso seria a formalização estética da sociabilidade violenta do homem livre pobre, o que transpõe para o meio urbano as conclusões de Maria Sylvia

2. PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo (colônia)*. 23 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

3. SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. In: *Que horas são?* 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 150-2.

de Carvalho Franco em *Homens livres na ordem escravocrata*. Indo na contramão dos estudos de sua época, que priorizavam os vínculos de solidariedade e as práticas colaborativas do camponês brasileiro, Carvalho Franco observa, com base numa farta documentação judicial, um cotidiano rural crivado de erupções de violência. O aproveitamento do caipira pelo sistema produtivo apenas em atividades periféricas, impedindo a consolidação duradoura de vínculos e costumes – em suma: a exteriorização da subjetividade em elementos que compõem um estilo de vida estável –, fazia com que ele não tivesse nada mais com que se identificar a não ser com sua própria pessoa, com sua existência particular. Desse modo, qualquer afronta à autoimagem do indivíduo exigia reparação e ensejava resposta violenta.⁴

Em *Memórias...*, as personagens estão constantemente em disputa por uma ascendência qualquer sobre as demais ou buscando retaliação por alguma ofensa sofrida, embora raramente recorram à violência física, prevalecendo o uso da astúcia. O que está em jogo é a afirmação do valor pessoal de cada uma, num universo em que as possibilidades de autorrealização (profissional, por exemplo) são escassas. Daí, também, a importância que o favor adquire na obra como mecanismo de reconhecimento das qualidades individuais (e, portanto, garantidor da autoestima), mas ocultada sua face perniciosa: o vínculo de dependência do favorecido em relação ao benfeitor.⁵ De fato, as personagens sempre contam com a benevolência dos poderosos, principalmente Leonardinho, centro de uma extensa rede de solidariedade. Uma das consequências do espírito rixoso generalizado e da persistência do favor é que as personagens, em vez de se unirem por sua condição socioeconômica, identificam-se com as instâncias superiores, competindo entre si por um mínimo de prestígio social, o que demonstra o quanto a situação de instabilidade do homem livre pobre podia ser desagregadora.

Um dos aspectos mais relevantes do estudo de Otsuka é trazer à tona um substrato de práticas que, não tematizadas na obra, constituem sua matéria e ajudam a dar consistência ao universo elaborado, servindo de referência tácita à atividade ficcional – é o caso da escravidão. A ausência de escravos, citados circunstancialmente, poderia comprometer a representatividade do romance, pois a escravatura foi uma institui-

4. FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, 1997, pp. 62-3.

5. Cf. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, pp. 17-9.

ção-chave à inserção do Brasil no sistema global do capitalismo e, dadas a dimensão e a longevidade que assumiu entre nós, marcou-nos profundamente a sociedade. Em *Era no tempo do rei*, desvela-se um complexo de relações que tinham nela sua razão de existir. A rixa e o favor, por exemplo, baseavam-se em “compensações imaginárias” que confirmariam ao indivíduo seu estatuto de pessoa livre. O reconhecimento público do valor pessoal do sujeito impediria que este, a despeito da precariedade de sua posição, fosse inadvertidamente associado à condição do escravo, do que se depreende, também, a representação episódica do trabalho, estigmatizado numa sociedade escravista. Embora a escravidão não seja visível no romance, seu peso se faz sentir como força gravitacional que perturba o cotidiano aventureiro das personagens.

Era no tempo do rei, ao mesmo tempo que se filia a uma das mais exitosas linhas do pensamento brasileiro – transitando com desenvoltura por áreas diversas, como a teoria literária, a história e a sociologia –, consegue tensionar os esquemas de leitura estabelecidos (como o fizera Candido no começo da década de 1970), dando visibilidade a aspectos até então insuspeitos de *Memórias de um sargento de milícias*. Sobretudo, deslocando criticamente as expectativas históricas de “Dialética da malandragem” à luz de nosso atual horizonte de experiência, Otsuka consegue revelar, por trás do que parece uma estratégia espontânea de resistência popular aos mecanismos de controle social (a malandragem), o que pode haver de vulnerabilidade, no caso dos mais pobres, e de perversidade, quando exercida pelos poderosos, conforme ainda se veria em *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis.

Emmanuel Santiago é doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.